

# MULHERES NEGRAS NO GRAFFITI E NA PINTURA: UM ESTUDO DE CASO EM FORTALEZA (CE)<sup>1</sup>

JANDIRA MIGUEL DALA<sup>2</sup>, DONETA FRANCISCO ANTÓNIO<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, procuramos discutir sobre os trabalhos de graffiti e pintura de uma artista urbana a partir de nossas experiências como mulheres negras e pesquisadoras numa universidade pública brasileira. As vivências como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com a pesquisa intitulada *Mulheres e Arte Urbana: resistências na cena de Fortaleza*, a partir de questões de gênero intensificadas por raça e classe em processos artísticos, e que foram o foco de nossa problematização. A metodologia usada foi um estudo de caso tendo por base a pesquisa narrativa e observação participante na cidade de Fortaleza (CE) entre os anos de 2019 e 2020. Os principais aportes teóricos utilizados neste texto foram Achille Mbembe (2014), Vera Pallamin (2000), Djamila Ribeiro (2017) e Carla Akotirene (2019).

**Palavras-chave:** Mulheres negras; Arte urbana; Cidade.

## 1. INTRODUÇÃO

A pele negra, em qualquer parte do mundo, sempre foi e continua sendo alvo de racismo e preconceito. Parece que ser uma pessoa negra representa “algo de errado” no mundo; cor negra e cor do sofrimento parecem entoar, dessa forma, numa lógica perversa de invisibilidade em que ser negro significa ter pouco poder de escolha, de fala, de pensamento. Como observa Achille Mbembe (2014, p. 11):

A que se deve então este delírio, e quais as suas manifestações mais elementares? Primeiro, deve-se ao fato de o negro ser aquele (ou ainda aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Em qualquer lado onde apareça, o negro liberta dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que

---

1 Este trabalho foi orientado pela professora Jo A-mi: professora-pesquisadora da UNILAB-CE, no Instituto de Humanidades e no Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente e da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Programa de Pós-Graduação em Artes. E-mail: joami@unilab.edu.br.

2 Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e estudante do curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE). E-mail: jandiradala05@aluno.unilab.edu.br.

3 Doneta Francisco António é mestranda em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE). Email: doneta.francisco@estudante.ufjf.br. À época do envio do artigo, a autora ainda não tinha ingressado no mestrado.

tem abalado o próprio sistema racional. De seguida, deve-se pelo facto de que ninguém – nem aqueles que o inventaram nem os que foram englobados neste nome – desejaria ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal. (MBEMBE, 2014, p. 11)

A “negatividade” da raça com a desigualdade de gênero tem culminado, assim, ao longo dos séculos, no aprofundamento de uma das mais graves exclusões sociais infligidas a uma minoria social: a de mulheres negras. Nesse sentido, falar de mulheres negras enquanto mulheres pesquisadoras negras é difícil e potente. Difícil, porque vivemos o racismo na pele, na vida em todas as situações de rejeição e exclusão sociais que daí emanam; e potente, porque somos mulheres negras e africanas dentro de uma instituição pública de ensino superior, no Brasil, o que nos permite trilhar e trazer reflexões singulares que partem do que Djamila Ribeiro nomeou como “lugar de fala”.

[...] É aí que entendemos que é possível falar de lugar de falar a partir do *feminist standpoint*: não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe o ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. (RIBEIRO, 2017, p. 64)

Segundo a autora, o lugar de fala está relacionado aos espaços que as mulheres ocupam e conseguem produzir discursos. Num mundo tão machista e racista, as mulheres têm sido silenciadas e invisibilizadas; ainda de acordo com Djamila Ribeiro (2017), a mulher foi pensada, historicamente, em comparação ao homem: ou seja, a categoria mulher (patamar inferior) foi construída por contraste da categoria homem (patamar superior). As mulheres negras, por sua vez, ampliam esses contrastes sociais ao terem de lidar com os privilégios que a cor branca demarca num país ainda bastante racista, como é o caso do Brasil (RIBEIRO, 2017).

Por sua vez, Grada Kilomba (2019) nos ensina que as mulheres negras sempre foram postas em discursos que invisibilizam a sua própria realidade, sobretudo nos debates de racismo (onde o homem negro aparece), e gênero (onde é a mulher branca que se evidencia): quando as mulheres negras são excluídas, desprezadas em seu lugar de fala e espaço em detrimento do privilégio de grupos ou sujeitos específicos como homens (negros/brancos) e mulheres brancas. É com e por essa relação interseccional (raça, classe e gênero, principalmente) como “instrumentalidade teórico-metodológica” que problematizamos a “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (AKOTIRENE, 2019, p. 19) que pretendemos debater, a seguir, acerca de um estudo de caso vivenciado ao longo dos anos de 2019 e 2020, por meio do projeto de Iniciação Científica *Mulheres*

*e Arte Urbana: resistências na cena de Fortaleza*<sup>4</sup>, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE).

## 2. MULHERES NEGRAS, PESQUISADORAS E PESQUISADAS: ALGUMAS REFLEXÕES

Vivendo em Angola, nossas etnias e cores de pele nunca pareceram nos causar problemas. Mesmo com os processos de colonização portuguesa, vivíamos em nosso país sem preocupações com as tonalidades de nossas peles, apesar de alguns preconceitos que acabaram se naturalizando (e que trataremos adiante). Ao chegarmos no Brasil, porém, deparamo-nos com muitas situações relacionadas ao racismo: o que nos fez pensar sobre o que é ser negra(o) no mundo. Aliado a isso, e provocadas por diversas circunstâncias, passamos a refletir melhor sobre o lugar de fala subalternizado da mulher que se naturalizou em nossas vidas.

Tanto em Angola quanto no Brasil, os homens têm mais voz social do que as mulheres: lembramos, aqui, de situações desiguais (seja na família, seja na sociedade e suas instituições de Estado e privadas) em que muitas mulheres foram e são excluídas de tecerem opiniões, em que o poder de fala é centralizado no homem e nós mulheres somos obrigadas ao silêncio. Aqui, no Brasil, como em muitos lugares de Angola, ainda se vende o discurso de que lugar de mulher é servindo ao lado do marido. Todas essas questões nos levaram a pensar sobre o fato de sermos mulheres, negras e pesquisadoras.

Inserirmo-nos na pesquisa *Mulheres e Arte Urbana: resistências na cena de Fortaleza*, dessa forma, ajudou-nos a problematizar o lugar da mulher negra na esfera pública a partir de vivências teórico-práticas produzidas durante a pesquisa, contribuindo para o nosso desenvolvimento acadêmico (decolonização das mentes), profissional e pessoal. Enquanto pesquisadoras em processo nos cursos de graduação em Letras e Administração Pública, da UNILAB-CE, temos ampliado nossos olhares sobre o fazer pesquisa em artes como um contínuo criativo em nossas formações; entendemos que, como pesquisadoras africanas, pesquisar e estudar o que outras mulheres negras estão fazendo fortalece uma relação recíproca de aprendizados. Dada essa importância, passamos a pesquisar, entre os anos de 2019 e 2020, trabalhos de mulheres grafiteiras na cidade de Fortaleza (CE):

Fortaleza de facções do tráfico de drogas que usam corpos femininos e feminizados como códigos/inscrições de munição, moeda de troca, objeto sexual, máquina reprodutiva onde “el cuerpo emínino o feminizado es, como he afirmado próprio innumerables ocasiones, el próprio campo de batalla” (SEGATO, 2016, p. 80-81); Fortaleza de homens e mulheres miserandos a se reproduzirem incessantemente pelas ruas, pelos becos, pelos viadutos; cidade com ruas de asfalto liso (da Aldeota) e côncavo (no Jardim Guanabara) e de filas enormes

---

4 Projeto coordenado por Jo A-mi: professora-pesquisadora da UNILAB-CE, no Instituto de Humanidades e no Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente e da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Programa de Pós-Graduação em Artes. E-mail: joami@unilab.edu.br

que se serpenteiam nos terminais de ônibus; Fortaleza de pessoas que ficam doentes e pegam helicóptero para se consultarem no Sírio-Libanês, enquanto outras procuram por postos médicos que (quase) não funcionam ou vão até o Centro para aguardarem no corredor do Frotão. (A-MI, 2020, p. 18)

Nessa cidade, participamos de alguns rolés<sup>5</sup> de graffiti – uma das expressões de arte urbana a interferir nas ruas, ou como afirma Vera Pallamin: “Uma prática social. Suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciados de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política” (PALLAMIN, 2000, p. 23). É importante destacar, ainda, que as manifestações de arte urbana têm contribuído, em suas diversas formas de manifestação (graffiti, lambe-lambe, muralismo, carimbos etc.) para a ampliação de questionamentos sociais, culturais e políticos estabelecidos nas cidades, especialmente quando pensamos nesses questionamentos a partir de graffiti produzidos por mulheres. Tomado por muitos(as) como instrumento de democratização das artes, os graffiti têm ocupado cada vez mais os espaços urbanos (paredes, viadutos, becos, calçadas, postes etc.) e têm sido apreciados por um número cada vez maior de pessoas ao trazerem imagens e reflexões que imprimem críticas sociais pertinentes sem limitações espaciais ou ideológicas (GITAHY, 1999); nos rolés organizados e protagonizados por mulheres, como o festival Mais que rosa (que teve início em 2018, organizado pela artista Raquel Santos<sup>6</sup>) e o encontro Deusa dos muros (que teve início em 2019, organizado pela artista Narah Adjane<sup>7</sup>) -, encontramos “mulheres pretas, católicas, lésbicas, brancas, de classe média, semi-alfabetizadas, da periferia, com mestrado, mães, educadoras, poetas, agentes culturais, ciclistas, do hip-hop, da umbanda, heterossexuais, gestoras que atravessam essa cidade, de cotidiano incomensurável, com tinta (A-MI, 2020, p.18). E, em meio a tantas possibilidades, identificamo-nos com os trabalhos da artista Dinha: por apresentar-se, demarcadamente, como artista negra em ações urbanas e (desde entrevistas até as intervenções nas ruas); por falar das intervenções urbanas como instrumentos de resistência social (A-MI, 2020); caracterizando representativamente seus graffiti e pinturas com imagens de mulheres negras.

### 3. DINHA: UMA ARTISTA URBANA NO CEARÁ

Ao longo desses anos de pesquisa vivenciamos muitos desafios: apresentação da pesquisa em semanas universitárias, produção de caderno de artista, participação em intervenções artísticas de

---

5 Rolés são intervenções urbanas praticadas nas ruas da cidade.

6 Raquel Santos é artista urbana da cena de Fortaleza e organizadora do Festival intitulado *Mais que Rosa*, evento exclusivo para grafiteiras. Há alguns anos, atuou com a artista Katya de Lara num coletivo chamado Mulheres no graffiti. Para maiores informações sobre essa artista, disponibilizamos o endereço do *Instagram*: @quelquelquelquel

7 Narah Adjane é artista urbana da cena de Fortaleza e organizadora do encontro Deusa dos Muros. Para maiores informações sobre essa artista, disponibilizamos o endereço do *Instagram*: @narahadjane

ruas, construção de fichamentos críticos, artigo, resumo expandido, entrevistas. Ao entrarmos em contato com essa pesquisa e suas interfaces, deparamo-nos com os trabalhos da artista Dinha. Conhecer a obra em graffiti e pintura dessa artista proporcionou-nos uma experiência singular por suas variações estéticas e técnicas, discursos críticos e relação com temáticas relacionadas à negritude de mulheres (nas suas tonalidades de peles, estéticas de cabelos, expressões faciais). Assim, vejamos o que Dinha tem a nos dizer sobre essas questões:

Até eu chegar em mulheres negras foi no momento em que eu me descobri. É até meio contraditório se descobrir mulher negra, né... eu alisava os cabelos e tal para entrar dentro dos padrões; nos padrões que a sociedade não me aceitava e, no decorrer, quando passei pela minha transição, foi quando eu comecei a retratar mulheres negras também vivendo daquela forma: foi aonde eu comecei a pintar mulheres negras. (Entrevista concedida à Pesquisa. DINHA, 2020)

Semelhante à Dinha, várias mulheres negras acabam não aceitando suas cores de pele, os formatos dos cabelos, as feições dos rostos devido à imposição cotidiana dos padrões de beleza branco-europeu. Nesse sentido, vale ressaltar o trabalho de Nilma Gomes (2017) no livro intitulado: Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra, quando a autora problematiza o cabelo de pessoas negras (e toda a sinonímia do ruim e inferior na relação com outros tipos de cabelos) e as referências de beleza vigentes. Em oposição a esses padrões, a artista Dinha dá destaque, em seus trabalhos, a imagens de mulheres negras por meio de graffiti e pinturas (Figura 1). Vejamos algumas dessas imagens:

Figura 1 – Graffiti de Dinha



Fonte: *Instagram* da Dinha Ribeiro, Fortaleza (CE), 2020.

A Figura 1 foi produzida no evento *Nosotras estamos em la calle* (organizado no Peru, em março de 2020) em que participaram apenas mulheres grafiteiras. Nesse sentido, a artista Dinha apresentou no primeiro painel do evento um graffiti que representou duas mulheres negras, valorizando, sobretudo, os cabelos, objeto de muito preconceito, pois nós, mulheres negras aprendemos a ter vergonha de nossos cabelos. Em Angola, por exemplo, muitas vezes ouvimos

peças disserem coisas do tipo “esse cabelo faz partir o pente”, “esse cabelo não cresce”... razão pela qual muitas mulheres negras acabam por alisarem seus cabelos. Observamos também que a artista deu destaque aos lábios grossos e à cor preta (por muito tempo vista como cor de negatividade), destacando os cabelos, pele e paisagem, o que trouxe vivacidade à pintura.

Outro trabalho importante de Dinha pode ser visto por meio da Figura 2:

Figura 2 – pintura sobre tela



Fonte: *Instagram* da Dinha Ribeiro, Fortaleza (CE), 2020.

A Figura 2 traz uma imagem produzida no período em que a artista não podia sair de casa devido à pandemia da covid-19. Esse período foi muito difícil, pois os trabalhos em espaços públicos não puderam ser realizados. A respeito disso, Dinha nos falou numa segunda entrevista concedida em 2021:

No começo da pandemia... eu acho que eu tinha até dito isso, mas eu vou falar novamente: eu tinha vindo, tinha pré-chegado de um evento aonde eu estava cheia de informações, cheio de cargas emocionais que eu queria estar externalizando, quando vê... dois dias depois que não deu nem tempo de absorver tudo e organizar tudo... chegou a pandemia, e meio que me barrou, né. E nisso... eu naquela de querer pintar, fazer tudo que eu planejava... vindo da viagem... aí eu comecei a pintar as telas, a fazer estudos com a tela, né. Que até hoje esses estudos do começo da pandemia têm me ajudado até hoje, né. E depois disso eu consegui produzir muita tela, né. Não estava conseguindo pintar na rua, mas eu produzi muitas telas e teve momentos nesses intervalos, né, do ano passado, 2020, que eu também me peguei assim com início de crise de ansiedade... porque eu consegui identificar por trabalhar com... como eu trabalhava como educadora social, a gente tinha mesmo o trabalho de identificar as pessoas que tinham ansiedade, depressão e tal. E eu consegui identificar facilmente que eu estava começando a ter um início de ansiedade, né, e também tive um bloqueio criativo durante acho que... passei um mês com bloqueio criativo e tentando me recuperar de um início de uma ansiedade: esse foi um dos impactos que teve dentro da pandemia... (Entrevista concedida à Pesquisa. DINHA, 2021)

Dinha, por essas circunstâncias, passou a fazer pinturas sobre tela. Na Figura 2, por exemplo, traz à tona uma pintura de mulher negra com acentuado olhar forte e destemido. As obras de Dinha, ressalte-se, têm nos ajudado, também, em processos de autoaceitação: foi assim quando nos ocorreu lembrar das brincadeiras de adolescência com bonecas brancas; olhar para as pinturas de Dinha e escutar suas falas nos ajudaram a refletir sobre nosso contínuo não-reconhecimento identitário: não nos reconhecíamos nas bonecas *Barbie* (todas brancas com cabelos lisos), mas, contraditoriamente, parecia-nos certo ser como elas. Do mesmo modo, os trabalhos de Dinha, ainda, têm contribuído para refletirmos sobre ausências em nossas histórias: ausência de voz (nos anos de silenciamentos históricos), ausência de ocupação (nos espaços públicos, pois as ruas, muitas vezes, são lugares proibidos ou perigosos para mulheres). Ocupando os espaços públicos por meio dos graffiti e das pinturas, Dinha vem resistindo e ressignificando o conceito de resistência:

Resistência eu acredito por esse nome, né..., até pelo que eu vivo..., resistência... ele tá muito ligado ao persistir, né... que tá sempre tentando a mesma coisa até conseguir alcançar o foco, o alvo. Eu acho que resistência tá muito ligado a isso. E mesmo você focando no alvo nunca vai deixar de ter alvos, né, você vai tendo metas e resistência para conseguir causar forças até num plano de vida, assim: “Ah! Eu quero chegar a tal canto. Eu não consegui chegar a tal canto, mas eu vou persistir para chegar um pouquinho a mais e assim vai, né, sucessivamente acho que está muito ligado à persistência. (Entrevista concedida à Pesquisa. DINHA, 2020)

Dinha tem sido um símbolo de resistência na arte urbana praticada no Ceará, pois apesar de todo o machismo que predomina nas ruas (e fora delas!), ela permanece defendendo sua arte e as mulheres nas ruas, mostrando que este lugar é também um espaço para mulheres. Nesse sentido, em um dos momentos de entrevista, soubemos, por exemplo, das vezes que teve de se debater com homens que entendiam a rua como um lugar só para eles. Fortalecidas por esse momento com a artista, percebemos a questão de gênero demarcando os espaços da rua. Assim, Dinha nos afirmou:

Eu sofri a pressão do gênero por ser mulher logo no começo. Quando a gente começa a identificar isso a gente vai quebrando, vai sabendo assim... tentando quebrar esses paradigmas, né. Eu não sofri assim... nenhum tipo de racismo dentro da arte urbana, mas sim da questão de gênero, por eu ser mulher. Logo no começo assim..., assédio também sofri... muito assédio, enfim. (Entrevista concedida à Pesquisa. DINHA, 2020)

Ao trazer à tona sobre o ser mulher no espaço público das ruas, Dinha foi quebrando e ocupando o seu lugar de fala, mostrando assim para nós, pesquisadoras, que não podemos nos calar e devemos nos posicionar e conquistar nossos espaços.

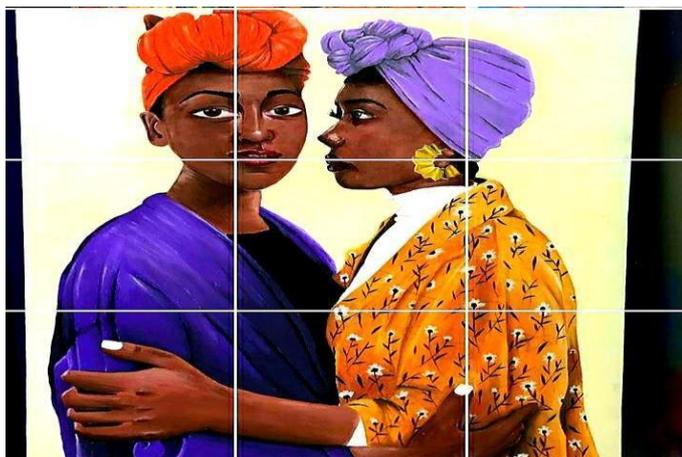
Sobre o racismo, Dinha disse, ainda, apesar de não ter sofrido explicitamente preconceito racial na cena da arte urbana da cidade de Fortaleza, que acha necessário discutir e problematizar o assunto por meio de suas intervenções artísticas, visto estarmos diante de uma sociedade construída com base no mito da democracia racial, de discursos de convívio harmonioso entre raças. Esse discurso tem servido como base de propaganda e defesa de uma elite branca brasileira na construção

de um imaginário do Brasil miscigenado, congregado e que preza por uma democracia racial entre os povos. Nesse sentido, a artista argumenta:

[...] não só na arte urbana que existe racismo, como na arte em geral. Até a história da arte ela já é racista. Estou começando a pesquisar sobre arte negra, né, e a descolonização da arte urbana e a gente vê muito assim... quando se volta pra o passado um pouquinho a gente vê que quando não tinha negros, dentro da arte urbana, ou dentro da arte, em si, e quando eles eram retratados de forma bem pejorativa, ou mulheres sendo sexualizadas...; hoje a gente tenta desconstruir isso: o racismo dentro da arte. A prova é grande que têm vários artistas negros que estão se inserindo dentro da arte, mas a arte acaba sendo racista. (Entrevista concedida à Pesquisa. DINHA, 2020)

Assim como Dinha, estamos a refletir sobre o racismo nos espaços de expressão artística e, também, nos espaços escolares e universitários, aprendendo, cotidianamente, sobre o racismo estrutural. A Figura 3, do mesmo modo, reforça esse caminho de aprendizados e descobertas:

Figura 3 – pintura sobre tela.



Fonte: *Instagram* de Dinha Ribeiro, Fortaleza (CE), 2020.

Na Figura 3 temos outra pintura sobre tela feita durante a pandemia. A pintura parece problematizar a necessidade do fortalecimento e proteção entre mulheres negras. Os turbantes em destaque na imagem (objetos estéticos de poder bastante usados por mulheres e homens negros, especialmente no continente africano), por sua vez, são símbolos da identidade negra, conectando raízes, culturas, valores, crenças e ancestralidade da negritude. Uma outra possibilidade de análise para essa imagem conduz-nos a uma cena de acolhimento recíproco, força e importância de uma rede de apoio entre mulheres negras, como reforça Audre Lorde:

O avanço de mulheres negras que se definem sob suas próprias condições, prontas para explorar e buscar o nosso poder e os nossos interesses dentro das nossas comunidades, é um componente vital na guerra pela libertação dos negros. [...] Quando as mulheres negras neste país [de Angola] se unirem para examinar nossas forças e nossas alianças, e para reconhecer os interesses sociais, culturais, emocionais e políticos que temos em comum, ocorrerá um

avanço que só tem a contribuir para o poder da comunidade negra como um todo. (LORDE, 2019, p. 56)

Por fim, procuramos partilhar, neste texto, os atravessamentos de questões interseccionais relacionadas ao racismo e gênero, sobretudo, por meio de experiências com pesquisa em artes numa cidade do nordeste brasileiro. Porquanto, como pesquisadoras negras e africanas, acompanhar a trajetória da talentosa artista Dinha Ribeiro e suas criações com graffiti e pintura sobre tela, além do contato com entrevistas e processos artísticos em redes sociais (ressignificados por conta da pandemia da covid-19), ajudou-nos a refletir sobre processos de formação acadêmica e constituição de nossas próprias identidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A-MI, Jo. Mulheres artistas urbanas: operações de resistência como poética de dipnoico. *Revista Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 40, p. 17-29, 2020.

A-MI, Jo. Entrevista concedida à Pesquisa *Mulheres e Arte Urbana: resistências na cena de Fortaleza*. Entrevistada: Alexsandra Ribeiro (Dinha). Fortaleza, 29 abr. 2020. (54:39 min).

A-MI, Jo. Entrevista concedida à Pesquisa *Mulheres e intervenções artísticas urbanas em Fortaleza*. Entrevistada: Alexsandra Ribeiro (Dinha). Fortaleza, 29 jan. 2021. (23:21 min).

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra, 2019.

GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Brasil: Autêntica, 2017.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.

PALLAMIN, Vera. *Arte Urbana/São Paulo: Região Central (1945-1998)*. São Paulo: Edusp, 2000.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.